

**“Manar de ...”: reconfigurações do
conceito de lar no conto “Manar of
Hama” de Mohja Kahf**

[*“Manar of ...”: reconfigurations of the
concept of home in Mohja Kahf’s “Manar
of Hama”*]

PRISCILA CAMPOLINA DE SÁ CAMPELLO

Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Mi-
nas, Belo Horizonte, Minas Gerais.

[priscilaccampello@yahoo.com.br]

RESUMO

As experiências vivenciadas no exílio são individuais e únicas. Para alguns, elas operam uma aproximação entre a nova cultura e aquela que eles trazem consigo. Para outros, pode ser uma experiência de divisão, de subtração. O presente trabalho pretende analisar como a protagonista do conto “Manar of Hama”, da autora árabe-estadunidense Mohja Kahf, lida com o sentimento de deslocamento e isolamento diante da sua nova vida nos Estados Unidos. Pretende-se discutir também a mudança de perspectiva em relação ao conceito de lar. Se, em um primeiro momento, todas as suas referências de lar estão relacionadas à Síria, em um segundo, o conto apresenta um deslocamento dessa percepção. E o que lhe é mais familiar nos EUA também passa a constituir um espaço de pertencimento e conforto.

Palavras-chave

Exílio; Lar; Mohja Kahf; Pertencimento.

ABSTRACT

Experiences in exile are individual and unique. For some individuals, they bring the new and their own culture together. For others it may be an experience of division, subtraction. This paper discusses how the protagonist of the short story “Manar of Hama”, written by the Arab-American author Mohja Kahf, deals with the feeling of isolation and displacement towards her new life in the United States. We also intend to analyze how her perspective changes regarding the concept of home. If, at first, all of her references of home are related to Syria, in a second moment, the text presents a shift in that perception. Whatever is perceived as familiar in the U.S. can also become a space of belonging and comfort.

Key-words

Exile; Home; Mohja Kahf; Belonging.

As experiências vivenciadas no exílio são individuais e únicas. Para alguns, elas operam uma aproximação entre a nova cultura e aquela que eles trazem consigo. Para outros, pode ser uma experiência de divisão, de subtração. Enquanto uns se adaptam facilmente, aprendem a outra língua, procuram viver seguindo as regras e costumes do novo lugar, outros se fecham ao novo e continuam a viver como se ainda estivessem em seu país de origem. Estes evitam qualquer tipo de contato com a comunidade local, continuam a falar suas próprias línguas, tanto no âmbito privado quanto no público, restringindo sua rede de relacionamentos às pessoas nas mesmas condições e de mesma procedência. Em outras palavras, há o deslocamento físico, geográfico, mas não há uma atualização mental e emocional. A tentativa de perpetuar o passado, continuar com os mesmos costumes e manter o vínculo com as raízes contribui para a formação de pequenas comunidades étnicas.

Porém, há também um terceiro posicionamento, diverso dos citados anteriormente, que se configuraria como um ponto de equilíbrio, em que os exilados tentam lidar com o novo, desfrutando do que lhes é oferecido, sem cortar relações com as suas origens. Eles fazem uma ponte entre os dois mundos e se permitem gostar do novo sem necessariamente romper com o passado. De fato, há até uma gradação entre esses três grupos, e os indivíduos tendem a se mover entre eles, em alguns momentos exaltando o exílio, em outros sofrendo de saudades, ou até mesmo rindo de sua condição.

O presente trabalho pretende analisar como a protagonista do conto “Manar of Hama”, da autora árabe-estadunidense Mohja Kahf, lida com o sentimento de deslocamento e isolamento diante da sua nova vida nos Estados Unidos. Pretende-se discutir também a mudança de perspectiva em relação ao conceito de lar. Se, em um primeiro momento, todas as suas referências de lar estão relacionadas à Síria, em um segundo, o conto apresenta um deslocamento dessa percepção. E o que lhe é mais familiar nos EUA também passa a constituir um espaço de pertencimento e conforto.

Há vários aspectos a serem considerados quando se trata da vida dos exilados no país hospedeiro. Cada um desses aspectos afeta esses indivíduos e influencia, de maneira positiva ou negativa, a sua adaptação e convivência no novo lugar. No conto “Manar of Hama”, Mohja Kahf, de origem síria, relata passagens que marcam a experiência da protagonista Manar Abdalqader Sharbakly nos Estados Unidos, uma vez que a presença de elementos de identificação cultural, como língua, comida, e roupas, para citar alguns, ajuda a delinear o sentimento desses estrangeiros em relação ao novo lugar, como também contribui para a forma como eles lidarão com a vida no exílio e com a memória do lugar deixado.

A presença dos elementos apontados acima provoca, inicialmente, um sentimento de deslocamento, de não pertencimento e de insegurança que os exilados experimentam ao se depararem com novas e diferentes situações, dando origem, posteriormente, a uma aprendizagem acerca da necessidade de uma constante negociação entre o velho e o novo, o familiar e o diferente, o aceitável e o viável devido às circunstâncias.

A escritora *chicana* Cherríe Moraga (1994, p. 301) afirma que “[o]s Estados Unidos é meu país, mas não é minha pátria”.¹ Percebe-se, através dessa proposição, que ela não apenas diferencia as duas categorias — pátria e país — como também aponta para o significado que os Estados Unidos têm para ela. Moraga esclarece que país diz respeito a um território político, delimitado geograficamente, onde o indivíduo nasceu ou reside, possui a cidadania e recebe um passaporte, não passando assim por nenhum envolvimento emocional. Ser cidadão de um determinado país acaba sendo uma contingência, uma vez que o indivíduo não escolhe onde quer nascer, mas pode vir a ser uma opção. E essa escolha é um ato político por excelência. O indivíduo que opta por residir em um país que não considera como sua pátria o faz em decorrência de diversas outras questões que não necessariamente as sentimentais e afetivas.

Diferentemente, para Moraga, ao chamar um lugar de “pátria”, sentimentos de afeto e identificação prevalecem. Pátria seria o espaço onde os sentimentos de familiaridade, segurança, proteção e felicidade são vivenciados exponencialmente. Esses sentimentos não dizem respeito à localização geográfica da casa, mas sim ao espaço onde há pessoas, objetos, situações e até mesmo a presença de um idioma que possibilita ao indivíduo fazer parte desse lugar, onde é tratado como membro e é reconhecido. Decorre disso o fato de algumas escritoras de origem latino-americana, principalmente as *chicanas*, utilizarem a expressão *motherland*, pátria-mãe, para se referirem ao local de origem de seus antepassados, o que também se configura como um ato político, conforme explicação de Rosemary Marangoly George (1999, p. 6), no prefácio do livro *The politics of home: postcolonial relocations and twentieth-century fiction*. A denominação de pátria-mãe torna-se paradoxal, porque, ao mesmo tempo em que é uma forma de essas escritoras se situarem contra o sistema patriarcal desses países, enfatizando a ligação com o feminino e o laço maternal que as une, a pátria aparece também como uma mãe que, em algum momento da história, “as expulsou” de casa. Assim, esse local que elas acreditam ser o lar passa a representar também um espaço de tensão. Ele deixa de ser um lugar estável, de proteção, nutrição, acolhimento e referência (GEORGE, 1999, p. 1) e

1 “Los Estados Unidos es mi país, pero no es mi pátria”.

torna-se uma terceira margem, o entre-lugar. Ao dar continuidade à sua conceituação sobre o lar, George (1999, p. 9) pontua que

[o]s lares são manifestos nos níveis geográficos, psicológicos e materiais. São lugares que são reconhecidos como tais por aqueles de dentro e aqueles de fora. São lugares de violência e nutrição. Um local que é flexível, que se manifesta de várias formas e ainda onde cada reinvenção parece seguir o padrão básico de inclusões/exclusões. O lar é um lugar para onde se escapar e de onde se escapar. Sua importância está no fato de que não é igualmente disponível a todos. O lar é o lugar desejado pelo qual se disputa e é estabelecido como o domínio exclusivo de poucos. Não é um lugar neutro.²

Tal pontuação sugere certa instabilidade do conceito de lar, assim como do de entre-lugar. Ao mesmo tempo em que os indivíduos são atraídos por e para o lar e desejam estar nesse ambiente, ele também se constitui como espaço de conflito, de estranhamento e de sofrimento.

No caso do conto analisado aqui, é possível perceber que, mesmo se tratando de outro país, com contextos histórico e econômico diferentes, ainda assim a personagem principal estabelece a mesma diferenciação proposta por Moraga quando inicialmente se refere à Síria como a sua pátria ou o seu lar.

Logo no início do conto, a protagonista e narradora Manar descreve a comida. Ela, seu marido e seu filho são refugiados que há poucos meses vivem no meio-oeste dos Estados Unidos, após o bárbaro massacre ocorrido em Hama, sua cidade natal, em fevereiro de 1982, no qual toda a sua família – exceto um irmão que é preso, mas de quem ela não tem notícias – é assassinada pelo governo do presidente Hafez al-Assad:

A comida aqui é horrível. A carne tem cheiro repugnante. Não há pão, nem café, nem azeitonas nem queijo de verdade. Eles têm um tipo nojento de queijo amarelo e até mesmo o leite [...] não tem gosto. Até mesmo os ovos têm a gema descorada. Não sei o que comer na América. Já perdi cinco quilos nesses meses desde que deixamos a Síria.³ (KAHF, 2009, p. 111).

Nesse primeiro parágrafo, Manar já se vale de quatro fortes expressões adjetivas – horrível, repugnante, nojento e sem gosto – sinalizando também

2 “Homes are manifest on geographical, psychological and material levels. They are places that are recognized as such by those within and those without. They are places of violence and nurturing. A place that is flexible, that manifests itself in various forms and yet whose every reinvention seems to follow the basic pattern of inclusions/exclusions. Home is a place to escape to and a place to escape from. Its importance lies in the fact that it is not equally available to all. Home is the desired place that is fought for and established as the exclusive domain of a few. It’s not a neutral place”.

3 “The food here is terrible. The meat smells disgusting. There is no real bread, or coffee, or olives, or cheese. They have a nasty yellow kind of cheese and even the milk [...] is tasteless. Even the eggs are pale-yolked. I don’t know what to eat in America. I have lost five kilos already in the months since we left Syria”.

para a maneira como ela percebe tudo que está à sua volta no país hospedeiro. A falta de gosto da comida ou o seu gosto ruim não se referem apenas ao seu estranhamento pela comida em si, mas pela sua própria vida longe do que lhe é familiar e agradável. Suas comparações se estendem à língua que ela pouco compreende e aos novos comportamentos que, em tão pouco tempo, seus filhos já imitam:

Meus filhos já conseguem se expressar em inglês e olham para a mãe que não consegue dizer duas palavras para a secretária da escola e sei que eles estão envergonhados. Eles já estão em um outro mundo, um mundo que eu não entendo. Eles fazem coisas de deixar o cabelo branco como se fossem coisas normais de fazer. Os meninos conversam com as meninas, as meninas conversam com os meninos na escola e sentam lado a lado.⁴ (KAHF, 2009, p. 111).

O comportamento de Manar ilustra aquilo que Storti (1990, p. 87-88) enfatiza ao se referir às consequências psicológicas acarretadas pelo exílio: não ter domínio fluente da língua local implica a infantilização e a inferiorização do indivíduo:

Relacionada [ao] sentimento de impotência, há a perda da auto-estima que surge com a inabilidade de conversar na língua local. Adultos medianos, articulados — capazes de tantas outras maneiras — que são de repente transformados em mudos virtuais, que conseguem apenas acenar com a cabeça e sorrir ridiculamente quando bem-intencionados nativos monolíngües dirigem-se a eles, acham a experiência aviltante. Pela competência que possuem, eles sentem — e, de certo modo, são — inferiores ao vizinho de três anos que deve ainda estar fazendo xixi na calça, mas ao menos sabe contar até dez.⁵

A comparação estabelecida por Storti parece um tanto hiperbólica, mas não deixa de apontar a dimensão do dano que tal situação pode causar. Para Manar, não parece um exagero. O domínio social e linguístico que ela exercia na Síria desaparece nos Estados Unidos, conforme relata:

No meu lugar de origem eu era uma mulher inteligente e capaz, que conseguia se virar no mundo. [...] No meu lugar de origem eu era a primeira da minha

4 “My children can babble away in English by now and they look at their mother who cannot speak two words to the school secretary and I know they are embarrassed. They are already in another world, one I don’t understand. They do things that make the hair go white as if these were normal things to do. Boys talking to girls, girls talking to boys in school and sitting next to them”.

5 “Related to [the] sense of helplessness is the loss of self-esteem that comes with the inability to converse in the local language. Average, articulate adults – capable in so many other ways – who are suddenly transformed into virtual mutes, who can only nod and smile foolishly when addressed by well-intentioned, monolingual locals, find the experience demeaning. For all their competence, they feel – and in a sense, are – inferior to the three-year-old neighbor child who may still wet his pants but at least knows how to count to ten”.

turma. Aqui eu sou a rainha dos burros. Eu não consegui aprender mais de dez palavras de sua desprezível língua caótica. Acho que essas pessoas inventaram o inglês como uma espécie de tortura mental para estrangeiros e recém-chegados.⁶ (KAHF, 2009, p. 111).

O que se pode perceber em sua fala é que o desconhecimento da língua atinge proporções gigantescas, a ponto de ser comparado a uma tortura mental destinada aos que ali chegam. A sua limitação linguística a impede de exercer atividades banais e corriqueiras, fazendo com que ela compare suas duas vidas constantemente. O que mais chama atenção em seu relato é que sua comparação passa pelos extremos dos dois mundos. Na Síria, ela era a primeira da turma, enquanto, nos Estados Unidos, ela é “a rainha dos burros”. Nota-se, portanto, uma discrepância significativa no posicionamento do indivíduo nas diferentes sociedades pelas quais ele transita. Muitas vezes, essas posições não coincidem, e um sujeito que antes estava no “topo” passa a se situar em um lugar secundário. Não há um meio termo para ela, assim como ainda não há uma negociação entre os dois lugares. Além disso, a falta de competência linguística também contribui para que sua dignidade fique comprometida diante de seus filhos. Tal situação expõe uma fragilidade que não existia em sua vida anteriormente e aponta para uma desconstrução da imagem de “mulher maravilha” que os filhos geralmente fazem das mães. Vale ressaltar, no entanto, que tudo isso é dito pela voz da personagem, e como ela ainda se situa no lugar da rejeição, da crítica e da comparação negativa, não consegue distanciar-se para ter uma percepção mais realista daquilo que está à sua volta.

Amy Kaminsky (1999, p. 68) ratifica a relevância de se dominar a língua falada no exílio, uma vez que a

[l]íngua adquire uma repercussão particular no exílio. [...] ser colocado em um lugar onde a língua não é familiar é regressar a um estado de dependência e ser percebido como incompetente intelectualmente. Essa mudança extrema no status social ocorre simultaneamente ao sentimento de deslocamento físico a que está ligada, e isso pode fazer com que até diferenças linguísticas aparentemente menores repercutam diferenças maiores de prestígio e poder.⁷

6 “Back home I was a smart, capable woman who could make her way around in the world. [...] Back home I was top of my class. Here I am queen of the dunces. I have not been able to learn more than ten words of their miserable chaotic language. I think these people invented English as a sort of mind-torture for foreigners and newcomers”.

7 “Language takes on particular resonance in exile. [...] to be set down in a place where the language is unfamiliar is to be returned to a state of dependency and to be perceived as intellectually incompetent. This extreme shift in social status occurs simultaneously with the sense of physical dislocation to which it is connected, and it can make even apparently minor linguistic differences resonate with major distinctions in prestige and power”.

O conto trata, portanto, da sensação de incapacidade por que passa o indivíduo que não consegue compreender o que as pessoas ao seu redor estão falando, sentindo-se totalmente desamparado e perdido. Sentir-se na Torre de Babel desestabiliza esse indivíduo porque ele passa a não ter controle sobre si próprio. Ele fica à mercê do outro, depende da boa vontade do outro em querer entendê-lo e ter paciência para ensiná-lo. Sente-se diminuído e humilhado porque todo o seu conhecimento, toda a sua capacidade profissional, social, relacional perdem-se nesse ambiente hostil. Dessa forma, aprender a língua falada no país hospedeiro torna-se um meio de sobrevivência (KAMINSKY, 1999, p. 70-71). Manar, inclusive, informa que não tem com quem conversar, já que, na cidade onde moram, há apenas uma outra família árabe, e como a mulher é palestina, mas nascida nos Estados Unidos, ela esquecera suas raízes.

O mesmo estranhamento que a comida dos Estados Unidos gera em Manar também pode ser visto em relação às roupas utilizadas pelas mulheres. Enquanto a mulher árabe muçulmana geralmente se veste com vestidos e túnicas compridas, a mulher ocidental usa roupas mais curtas, calças e até exhibe partes do corpo, conforme a passagem a seguir:

Olho para ela com hesitação, porque eu uso o tipo de vestido que, em nosso círculo social lá no meu lugar de origem e entre pessoas que têm gosto, é a única coisa digna para uma mulher usar. Lá, ela e suas calças seriam vistas por aquilo que são: de mau gosto, má educação, indecoroso.⁸ (KAHF, 2009, p. 112).

Novamente, tem-se um olhar preconceituoso e calcado na própria cultura. Várias vezes, Manar lança mão do adjetivo “sem gosto/sabor” ao longo do texto para classificar aquilo que não está de acordo com os seus valores e costumes. O fato de essa mulher usar calças compridas confere-lhe certos rótulos negativos, demonstrando que Manar só consegue enxergar as diferenças culturais a partir de uma perspectiva negativa e inferiorizada. Ela não considera o lugar onde elas se encontram, os costumes locais, ou até mesmo a praticidade de tal vestimenta. Mais adiante, no conto, ao encontrar um grupo de pessoas em uma comunidade hippie ou sufista ou até mesmo cigana (Manar não sabe defini-la com precisão), o visual e as roupas lhe chamam a atenção mais uma vez: “Os sufistas não vestiriam jeans rasgados. Nunca. Barrigas de fora — longos cabelos rebeldes — grânulos e bandanas — essas pessoas devem ser ciganas.”⁹ (KAHF, 2009, p. 114). E, ao avistar outra moça do grupo, descreve: “Uma menina alta e loura em

8 “I look backward to her because I wear the kind of dress that, in our social circle back home and among people who have taste, is the dignified thing for a woman to wear. There, she and her pants would be seen for what they are: tasteless, ill-bred, and unbecoming.”

9 “Sufis would not be wearing cut-off jeans. Never. Bare midriffs – long wild hair- beads and bandanas – these people must be gypsies.”

uma longa saia esguia – que à primeira vista pensei ser o único vestuário modesto no grupo até que vi que havia fendas até na coxa em três lugares [...]”¹⁰ (KAHF, 2009, p. 115).

É justamente no contato com essa comunidade que ocorre a mudança de Manar. Na primeira parte do conto, observa-se uma mulher que critica o novo e o diferente, sempre à procura de algo que lhe seja familiar e lhe traga algum tipo de conforto e ligação com a sua terra natal. É durante uma incessante busca por temperos, comidas e sabores conhecidos e apreciados que Manar se depara com um cheiro conhecido, o cheiro da pimenta-da-Jamaica. O encontro se dá em uma mercearia, onde a personagem sente o tal cheiro e o segue, conforme ela narra:

Só recentemente ousei ir à mercearia sozinha, tão receosa fico de me perder longe de casa e não ser entendida, porém quando senti o cheiro da pimenta-da-Jamaica, deixei tudo e segui. Aqui estava um aroma de casa!¹¹ (KAHF, 2009, p. 114).

O cheiro familiar, do lar, de um tempero comumente utilizado nas comidas sírias, leva Manar a seguir tão cega e obstinadamente a mulher que o exalava, que a acompanha de carro até um acampamento nos arredores da cidade.

A partir da chegada de Manar a esse lugar, onde as pessoas estão comendo, bebendo, dançando e cantando algo em uma língua cujas palavras ela reconhece, mesmo que mal pronunciadas, ela começa lentamente a se sentir mais à vontade. Se, em um primeiro momento, há um estranhamento em relação às roupas das moças, à presença de um homem negro, nunca visto pessoalmente por ela, ao toque de um homem em seu ombro, ao contato físico de homens e mulheres, assim como à sua própria atitude em seguir alguém desconhecido a um lugar também desconhecido, a sentar-se com estranhos e comer alimentos preparados por pessoas de unhas sujas, em um segundo momento, Manar não só começa a identificar alguns pontos conhecidos – alguns tipos de comida, como a pasta de grão de bico, o iogurte e o pão (semelhante ao pão árabe) que lhe oferecem – como também é calorosamente recebida por aquelas pessoas. Sua chegada à comunidade não gerou nenhum tipo de mal-estar, rejeição ou suspeita, mas sim interesse, acolhimento e afetividade por parte daquelas pessoas. Odile Ferly (2001, p. 2) explica que:

10 “A tall blond girl in a long willowy skirt – which I at first thought was the only modest garment in the lot until I saw that it was slit up to the thigh in three places [...]”

11 “I only recently dared go to the grocery store by myself, so scared am I of getting lost away from home and not being understood, yet when I smelled the allspice I dropped everything and followed. Here was a scent of home!”

Embora o exílio geralmente ocasione uma forte sensação de deslocamento, é verdade que para as mulheres a experiência raramente vem a ser totalmente negativa. De fato, as sociedades para as quais elas imigram são muitas vezes tidas como menos machistas do que aquelas de onde elas provêm. Para muitas, o exílio oferece aspectos positivos, visto que ele elimina algumas das pressões sociais do lugar de origem.¹²

Desse modo, a vida das mulheres no exílio passa a ser um duplo desafio, pois, além de se depararem com o desconhecido do ponto de vista do estrangeiro, elas também necessitam enfrentar uma nova situação que passará por duas esferas, tanto pública quanto privada.

Percebe-se que, pela primeira vez desde sua chegada aos Estados Unidos, Manar não se sente deslocada nem rejeitada. Ali não se importavam com a sua origem, a sua crença, ou até mesmo com o porquê de estar naquele lugar. Ali as pessoas estavam abertas ao diferente, ao estrangeiro, à diversidade e, pela primeira vez na vida, Manar se permite fugir das regras e costumes impostos pela sua cultura. Além disso, o mantra cantarolado por eles lhe soa familiar e ela revela a Suzy, a moça que a leva de volta ao seu carro: “Você dizia: *la ilaha illa allah*”, eu disse. ‘Isso, da minha crença.’¹³ Ao dizer isso, Manar a indaga sobre a sua religião: “Então você é — você é —” Eu estava incrédula, mas perguntei. ‘Você é — muçulmana? Você é sufista?’¹⁴, a que ela responde: “Somos tudo. Sufistas, budistas, hindus, cristãos, judeus — [...] Taoístas, indígenas, pagãos. Tudo é bondade. Tudo é amor”¹⁵ (KAHF, 2009, p. 117).

Embora a resposta não tenha sido satisfatória para Manar, pois, para ela, se tudo fosse bondade e amor, sua família não estaria morta, nem sua cidade totalmente destruída, ela agora toma o caminho de volta para uma casa que não é mais o regresso ao lar na Síria, mas o retorno a um novo lar, onde sua vida fora reconstruída. Se, antes, o sentimento era de uma “[...] vida sem o sabor de vida”¹⁶ (KAHF, 2009, p. 113), agora, abrem-se as possibilidades da negociação e da aproximação.

Desse modo, o exílio permite que esses sujeitos hifenizados se posicionem entre dois países, duas culturas, duas línguas, dois mundos, e até, por que não, duas pátrias, reforçando a fragmentação dos eus. A partir do momento em que Manar percebe poder transitar entre esses dois lugares, mesmo que

12 “Although exile often brings about a strong sense of dislocation, it is true that for women the experience hardly ever turns out to be entirely negative. Indeed, the societies to which they emigrate are often seen as being less sexist than those they come from. For many, exile offers positive aspects, in that it removes some of the social pressures found at home”.

13 “You said: *la ilaha illa allah*”, I said. “This, from my faith.”

14 “Then you are—are you—” I was incredulous, but I uttered it. ‘Are you—Muslim? Are you Sufi?’

15 “We’re everything. Sufi, Buddhist, Hindy, Christian, Jewish— [...] Tao, Native, pagan. All is good. All is love.”

16 “[...] life without the taste of life.”

a Síria seja apenas o lugar das recordações, a personagem encontra uma âncora para a sua sobrevivência. Agora, a aceitação da diversidade e a capacidade de se abrir ao “outro” passam a integrar o passaporte para a convivência em meio a tanta diferença e possibilitam a ela conseguir chamar os Estados Unidos de lar também.

O texto reflete o percurso da protagonista, que se desloca de um lugar de total rejeição e crítica ao novo para outro em que se abre para o desconhecido. Esse movimento só é possível porque houve a descoberta de pontos de intercessão entre os dois mundos e também pela recepção carinhosa que o grupo lhe ofereceu. Ao intitular este trabalho de “Manar de ...”, deixo em aberto as possibilidades oferecidas pelas reticências. A Manar de Hama, do início do conto, pode ser também a Manar de Sonora Falls, Illinois ou simplesmente uma Manar Hama hífen Sonora Falls. Ela não precisa necessariamente estar atrelada ao lugar de origem; afinal a identificação da personagem se constitui na realidade de todos aqueles lugares pelos quais transita. E é exatamente isso o que a torna um sujeito-traduzido, para utilizar o termo de Salman Rushdie.

Referências bibliográficas

FERLY, Odile. Giving birth to the island: the construction of the Caribbean in Julia Alvarez's fiction. *Mots Pluriels*, n.17, abr. 2001. Disponível em: [<http://motspluriels.arts.uwa.edu.au/MP1701of.html>]. Acesso em: 21 dez. 2013.

GEORGE, Rosemary Marangoly. *The politics of home: postcolonial relocations and twentieth-century fiction*. Berkeley: University of California Press, 1999.

KAHF, Mohja. Manar of Hama. In: KALDAS, Pauline; MATTAWA, Khaled (Eds.). *Dinarzad's Children: An Anthology of Contemporary Arab American Fiction*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2009. p. 111-117.

KAMINSKY, Amy. *After exile: writing Latin American diaspora*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

MORAGA, Cherríe. Art in América con acento. In: FERNÁNDEZ, Roberta (Ed.). *In other words. Literature by Latinas of the United States*. Houston, TX: Arte Público Press, 1994. p. 300-306.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary homelands: essays and criticism, 1981-1991*. London: Granta Books, 1991.

STORTI, Craig. *The art of crossing cultures*. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 1990.